

## APONTAMENTOS ACERCA DA NOÇÃO DE SER NA *CRÍTICA DA RAZÃO PURA* DE KANT

Edegar Fronza Junior

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo principal analisar e discutir a noção de ser na *Crítica da Razão Pura* (1781) de Immanuel Kant, mostrando suas consequências e importância para a ontologia moderna. Investigaremos o motivo pelo qual Kant sustentou o conceito de existência como não sendo um predicado real, e qual a diferença entre possibilidade lógica e possibilidade real. Com isso, pretende-se ressaltar o novo entendimento da ontologia não mais como filosofia primeira, mas como uma análise crítica do conhecimento humano e das capacidades cognitivas que em última instância não se remete a realidade existencial efetiva como postulava Aristóteles, mas a uma analítica transcendental.

**Palavras Chave:** Ser; Kant; ontologia moderna; analítica transcendental.

### Introdução

Um das obras mais importantes do pensamento kantiano, discutida por muitos comentadores e trabalhada com grande ênfase na filosofia é a *Crítica da Razão Pura*, escrita em 1781 por Immanuel Kant. Nesta obra o filósofo de Königsberg apresenta seus apontamentos mais relevantes sobre a noção de *ser*<sup>1</sup>, elucidando parte fundamental do seu projeto de ontologia.

Na *Crítica da Razão Pura*, a noção de existência aparece em duas partes da *Lógica Transcendental*. Primeiro na *Analítica Transcendental*, na explicação da modalidade dos juízos e, depois, na *Dialética Transcendental*, na parte que Kant dedicou à refutação das provas para a existência de Deus. Vale salientar, no entanto, que a tese de Kant acerca do ser aparece de modo mais explícito na refutação do argumento ontológico, feita da *Dialética Transcendental*,

---

<sup>1</sup> Onde Kant fala do 'ser', especialmente na relação com sua crítica das provas ontológicas da existência de Deus, ele usa o termo de modo idêntico ao conceito de 'existência'. Sua tese principal é que ser não é um predicado real que possa ser adicionado ao conceito de algo, mas 'meramente a posição de uma coisa ou de certas determinações em si mesmas' (KANT, 2001, A598/B626). Na distinção do uso lógico do 'é' como cópula, o existencial 'é' indica que o sujeito e seu predicado estão postos. Tal postulação diz respeito ao objeto em relação ao seu conceito.

apresentando de modo mais claro o sentido ser em geral atribuído pelo filósofo bem como suas consequências. Deste modo, pretende-se analisar o motivo pelo qual Kant define o predicado da existência não como real, abandonando a teoria substancialista aristotélica do *ser enquanto ser*.

## 1. Existência não é um predicado real ou determinante

A *Dialética Transcendental* é o lugar de onde Kant auri toda a sua amarração conceitual para afastar-se do postulado trazido de Aristóteles do *ser enquanto ser*. Tanto parta Hume como Kant, a ideia de ontologia como metafísica geral já era questionável quanto a sua necessidade e validade. A ideia de uma ciência real ao lado das demais ciências, sem recurso a experiência parecia inconcebível para a nova filosofia trazida por esses filósofos.

A tese central de reflexão do filósofo de Könisberg centra-se na seguinte passagem: “Ser não é, evidentemente, um predicado real, isto é, um conceito de algo que possa acrescentar-se ao conceito de uma coisa; é apenas a posição de uma coisa ou de certas determinações em si mesmas” (KANT, 2001, A598/B626). Essa frase pode ser considerada a grande virada copernicana da ontologia. Isso porque, até então, a metafísica ou filosofia primeira era entendida como ciência, tentando responde a questão “O que há/existe/ é?” Para isso a filosofia aristotélica utilizava-se de condições de existência e identidade que se referiam em última instância as coisas que existiam efetivamente.

O pressuposto da filosofia primeira era a identificação de todas as coisas há uma única categoria que o mesmo chama de *ousía* (substância). A ideia fundamental do Estagirita é que as coisas existem independentemente de nosso quer, do modo como a dizemos ou ainda como a entendemos. A substância seria uma espécie de substrato que é a base elementar de tudo que há. Desse modo, ela se apresentaria como algo independente, imutável e idêntica a sim mesma.

Kant contestando tal posicionamento, entende que a existência não é um predicado real, ou em suas palavras *determinante*. Ao proferir essa frase fundamenta a tese de que, quando se diz que algo *é* ou *existe*, não acrescentamos nada a coisa de que se fala. Dentre as propriedades que conformam uma coisa, não há uma que seja a de existir ou de ser. Assim, desbanca a filosofia clássica do ente que postulava que poderíamos conhecer as coisas em si, ou seja, sua essência.

O *background* da tese kantiana é o conceito de realidade que auxilia a sua reflexão. Segundo o filósofo de Könisberg, “não se pode confundir realidade como definição de algo existente: essa seria a ‘realidade objetiva’ [*Wirklichkeit*]”

(MULINARI, 2011, p.194). A realidade de uma coisa seria sua possibilidade de determinação e não sua existência efetiva. Neste sentido, o predicado só é real quando acrescenta algo ao conceito de coisa. Assim numa sentença: “O lápis é azul” acrescenta-se algo ao conceito de lápis e dessa maneira se concede realidade à coisa. Entretanto, deve-se notar que o fato de conceder realidade a coisa não é o mesmo que torná-la presente.

Ao tratar o ser não como um predicado rela, Kant afirma que uso do verbo ser como predicado não é válido por não determinar (acrescentar) algo ao conteúdo do sujeito. Um predicado real deve ser um predicado determinante. Um predicado determinante é aquele que, além de acrescentar algo ao conceito de que é predicado, deve também ampliá-lo o que não acontece com o uso de existência como predicado (VAZ, 2006, p. 27).

De acordo com Kant, ao se pensar uma coisa com todos os seus predicados (determinação completa) e, após isso, lhe acrescentar o predicado “existe”, observa-se que nada de fato é acrescentado à coisa:

Assim, pois, quando penso uma coisa, quaisquer que sejam e por mais numerosos que sejam os predicados pelos quais a penso (mesmo na determinação completa), em virtude de ainda acrescentar que esta coisa é, não lhe acrescento o mínimo que seja. Porquanto, se assim não fosse, não existiria o mesmo, existiria, pelo contrário, mais do que o que pensei no conceito e não poderia dizer que é propriamente o objeto do meu conceito que existe. (KANT, 2001, A600/B628).

O conceito de *é* não acrescenta nada a coisa, nenhuma propriedade ao objeto pensado, pois se assim o fosse, ampliaria o conceito antes pensado acerca do objeto.<sup>2</sup> Mas se o ser não é um predicado real e não acrescenta nada aos objetos, o que ele seria então? Qual sua função se o mesmo não é um predicado real? O que significa dizer, por exemplo, “Maria é” ou “Maria existe”.

A esse respeito Heidegger auxilia no esclarecimento entre o tipo de relação, quando se usa o verbo ser como predicado de algo, referindo-se a uma associação, a uma correspondência entre o objeto do conceito e o conceito pensado.

---

<sup>2</sup> É importante salientar que após a contribuição da ontologia kantiana o conceito de objeto ganha ênfase na filosofia. Ulteriormente tínhamos o conceito em uso ser, ente, entidades. A partir dessa nova concepção, começa a ser valorizada a importância dos sentidos para o conhecimento, de modo que após Kant é praticamente irrefutável a ideia de que não podemos falar das coisas em si, mas de como elas se dão ao nosso entendimento. As únicas entidades acessíveis ao nosso conhecimento seriam aquelas passíveis de se dar na sensibilidade conforme as determinações dos conceitos do entendimento. Aquilo que não se dá e que não é dado na sensibilidade ou é ideia vazia ou é nada. (Nota do pesquisador)

Na proposição “A é B”, B é um predicado real acrescentado [*hinzugebracht*] a A. Porém, na fala “A existe [*existiert*]”, A é posto absolutamente, e ainda junto de todas as suas determinações reais B, C, D, e assim por diante. Essa posição é acrescentada a A, mas não do mesmo modo que B foi acrescentada a A no exemplo anterior. O que é essa posição acrescentada? Claramente é ela mesma uma relação, contudo não uma real-relação, não uma relação entre coisas, não uma determinação real de A, mas a referência de toda a coisa (A) ao meu pensamento dela. Por meio dessa referência aquilo que é posto se relaciona com o meu estado-ego [*Ich-Zustand*]. Desde que A, que é a princípio algo meramente pensado, já se relacione comigo nessa referência ao pensado [*Denkenbezug*], seguramente essa referência meramente pensada, a mera representação de A, se torna diferente diante da adição da posição absoluta. Na posição absoluta o objeto do conceito, o ente real [*wirkliche Seiende*] corresponde a ele, é posto em relação, enquanto real [*als Wirkliches*], com o conceito que é meramente pensado (HEIDEGGER, 1988, p.45).

Em linhas gerais quando digo que “Maria existe” não há adição de nenhum determinante, apenas há um ganho em relação à possibilidade de existência de Maria no plano sensível. Assim, a partir do conceito de possibilidade, a fim de não criar ambiguidades ou confusão em relação a existência, faremos um próximo tópico de modo a tornar clara essa relação.

## 2. Possibilidade lógica e possibilidade real

Ao postular que algo existe isso não modifica nada a coisa, apenas estabelece uma possibilidade da coisa ser enquanto objeto sensível, ou seja, o mesmo pode ser experienciado.

Assim como a existência, o conceito de possibilidade na visão de Kant, não contribui em nada para o objeto, mas apenas se refere ao modo como um objeto pode ser dado. A possibilidade lógica está relacionada ao conceito, enquanto que a possibilidade real denominada pelo filósofo de transcendental se refere à própria coisa. Por vezes, se confundem as duas possibilidades, todavia a distinção fica clara na passagem da *Analítica Transcendental*: “A ilusão de tomar a possibilidade lógica do *conceito* (já que ele não se contradiz a si próprio) pela possibilidade transcendental das coisas (em que um objeto corresponde ao conceito) só pode enganar e satisfazer os inexperientes” (KANT, 2001, A244/B302).

O que caracteriza em sentido amplo a realidade objetiva de um objeto é a concordância não apenas com sua possibilidade lógica, mas também com a

possibilidade real do objeto existir (MULINARI, 2011, p. 198). Em palavras simples, não basta a adequação lógica do conceito a coisa para que ela exista, é preciso também a adequação do conceito a realidade. A esse respeito Kant escreve:

É certo que é condição lógica necessária, que tal conceito não encerre contradição; mas não suficiente, longe disso, para constituir a realidade objetiva do conceito, isto é, a possibilidade de um objeto tal qual é pensado pelo conceito. Assim, no conceito de uma figura delimitada por duas linhas retas não há contradição, porque os conceitos de duas linhas retas e do seu encontro não contêm a negação de uma figura; a impossibilidade não assenta no conceito em si mesmo, mas na sua construção no espaço, isto é, nas condições do espaço e sua determinação; estas, por sua vez, têm a sua realidade objetiva, isto é, referem-se a coisas possíveis, porque contêm em si, a priori, a forma da experiência em geral (KANT, 2001, A221/B268).

A intuição sensível é fator primordial para a possibilidade do real, sem ela resta apenas à intuição lógica, que é dada pelo pensamento. Entretanto, está última não nos diz muita coisa acerca da possibilidade do real do objeto. Assim, a possibilidade lógica não pode requer realidade objetiva do objeto.

Kant, a fim de elucidar sua tese da possibilidade, utiliza como um exemplo a telepatia. Na passagem, o filósofo salienta a falta de fundamento do conceito devido à impossibilidade de se experienciar tal conceito.

Uma substância, que estivesse permanentemente presente no espaço, sem, todavia o preencher (como aquele intermediário entre matéria e ser pensante, que alguns quiseram introduzir), ou uma faculdade particular do nosso espírito de intuir antecipadamente o futuro (não simplesmente de o inferir), ou, por fim, uma capacidade do nosso espírito de estar em comunidade de pensamento com outros homens (por muito distantes que possam estar), são conceitos, cuja possibilidade é totalmente destituída de fundamento, porque não pode assentar sobre a experiência e suas leis conhecidas, e sem a experiência constituem uma ligação arbitrária de pensamentos, que, embora não encerrem contradição, não pode todavia reivindicar realidade objetiva nem, portanto, a possibilidade de um objeto como o que aqui se pretende pensar (KANT, 2001, A222/B270).

O exemplo da telepatia parece deixar claro que mesmo havendo a possibilidade lógica a mesma não possui possibilidade do real, já que exclui a mediação espaço-temporal. Na concepção kantiana, as únicas entidades

acessíveis ao nosso conhecimento seriam aquelas passíveis de se dar na sensibilidade, conforme a determinações dos conceitos do entendimento. Aquilo que não é *dado* na sensibilidade, ou é ideia vazia ou é nada<sup>3</sup> (BRAIDA, 2013, p.31). Novamente se atenta para o fato de que a possibilidade lógica não é suficiente para a possibilidade do real.

Sobre o conceito de possibilidade ainda poderíamos salientar a questão do conteúdo, em relação ao possível e o real. A realidade não é o oposto da possibilidade, ambas se complementam. Kant elucida tal tese com o clássico exemplo dos cem táleres.

E assim o real nada mais contém que o simplesmente possível. Cem táleres reais não contém mais do que cem táleres possíveis. Pois que se os táleres possíveis significam o conceito e os táleres reais o objeto e a sua posição em si mesma, se este contivesse mais do que aquele, o meu conceito não exprimiria o objeto inteiro e não seria, portanto, o seu conceito adequado. Mas, para o estado das minhas posses, há mais em cem táleres reais do que no seu simples conceito (isto é na sua possibilidade). Porque, na realidade, o objeto não está meramente contido, analiticamente, no meu conceito, mas é sinteticamente acrescentado ao meu conceito (que é uma determinação do meu estado), sem que por essa existência exterior ao meu conceito os cem táleres pensados sofram o mínimo aumento (KANT, 2001, A599/B627).

O exemplo dos táleres possui uma vantagem ilustrativa, visto que pensar que há cem dólares no meu bolso e tocar numa nota de cem dólares no meu bolso são ações equivalentes do ponto de vista da quantidade e de espécie, porém no segundo caso eu estaria realmente com dinheiro.

## Considerações Finais

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou analisar, em linhas gerais, o conceito de ser, bem como de existência na *Crítica da Razão Pura*, o que constitui um pressuposto fundamental para uma leitura mais aprofundada da filosofia de Kant, bem como de sua epistemologia.

O conceito de existência expressado na *Crítica da Razão Pura* é classificado primeiramente como não sendo um predicado determinante (real). Fica claro, ao mesmo tempo a valorização que o filósofo moderno dá a

---

<sup>3</sup> Note-se, que Kant jamais negou a possibilidade de haver determinações das coisas mesmas independentes do modo como elas aparecem para uma consciência, nem a possibilidade de objetos não-empíricos. O que negava, sim era a existência de algum acesso a tal dimensão.

experiência, como fator que evidencia as afirmações da existência. Torna-se nítido o caráter epistemológico empreendido por Kant na *Crítica da Razão Pura*, principalmente na importância dada ao objeto real (experiência) para a afirmação da existência de algo.

Kant pode ser considerada o grande marco divisor da ontologia, sua proposta é paradigmática e abre caminho para um novo desenvolvimento teórico-conceitual da concepção de ser/existência. Na pergunta a resposta o que há/existência sua reflexão desponta como pressuposto fundamental para se entender as diferentes instâncias que surgiram seja como contraposição, seja como corroboradoras de sua proposta.

### **Referências:**

BRAIDA, R. C. **Tópicos de ontologia**. Florianópolis: Rocca Brayde, 2013.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2001.

HEIDEGGER, M. **The basic problems of phenomenology**. Bloomington & Indianapolis: Indiana Univ. Press, 1988.

MULINARI, F. **A noção de ser na Crítica da razão pura de Immanuel Kant**. Disponível em: <<<https://file:///D:/Conceito%20de%20ser%20em%20Kant.pdf>>>. Acesso em 14 de Junho de 2014.